



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**ENCONTRO NAS TRAMAS DE UM POVO:
NARRATIVAS DE LAKLÃNÕ-XOKLENG E AS CONTRIBUIÇÕES
PARA HISTÓRIA REGIONAL**

Clarice Ehmke Gayo ¹

Resumo: Todos possuímos o direito de contar nossas próprias histórias a partir das nossas vivências, contrapondo-se à herança da colonialidade, que difunde a ideia da existência de uma história única – a partir do ponto de vista eurocentrado (MORTARI, GABILAN, 2017, p. 60). Nesta chave, o Vale do Itajaí, microrregião de Santa Catarina, é vendido turisticamente como o Vale Europeu. Uma história única construída na predominância da memória de grupos étnicos como alemães e italianos, partícipes do projeto colonizador do Estado durante o Império. Esse movimento silenciou a história de povos originários como os Laklãnõ-Xokleng, que se estabeleceram/estabelecem neste mesmo espaço. A colonialidade que formata as identidades e transforma o pensamento europeu em universal continua forte e presente na região. As histórias precisam ser “contadas por todas as vozes”, como defende (MUNDURUKU, 2010, p. 5). E estas vozes sempre estiveram presentes, os Laklãnõ-Xokleng ocupam historicamente o Vale muito antes dos europeus, só precisam ser ouvidos. A pesquisa parcial apresentada neste simpósio busca expor vivências e narrativas deste povo, encontrados nos trabalhos de conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (UFSC), contribuindo para uma interpretação da história regional pelo viés do indígena, privilegiando fontes orais de uma cultura ágrafa e propondo ler, a contrapelo, documentos conhecidos de uma história que ficou despercebida. (MONTEIRO, 1999. p. 238)

Palavras-chave: História Regional, Laklãnõ – Xokleng, narrativas, TCCs, mulheres.

O CONTEXTO DAS TRAMAS

A segunda maior TI do Estado de Santa Catarina em proporção territorial é denominada Ibirama/ Laklãnõ. O povo Laklãnõ Xokleng aldeado ocupa as terras ao longo dos rios Hercílio (antigo Itajaí do Norte) e Plate, que moldam um dos vales formadores da bacia do rio Itajaí-açu ocupando os municípios de José Boiteux, Doutor Pedrinho e, em menor proporção Victor Meirelles, Itaiópolis e Rio Negrinho. Conta atualmente com 3000 pessoas e é considerada multiétnica por abrigar representantes do povo Guarani, Kaingang e

¹ Professora de História de Rede Pública Estadual de Santa Catarina, aluna do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) –. E-mail: claricegayo@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



majoritariamente Laklãnõ Xokleng, No entanto, apesar de estar distante apenas 100 km do Vale do Itajaí é pouco conhecida pelos alunos e alunas de ensino fundamental da Escola de Educação Básica Frei Policarpo, Gaspar/SC.

A constatação ocorreu nas conversas sobre os povos originários em sala de aula, e uma atividade de análise iconográfica revelou alguns estereótipos. Os povos indígenas presos ao passado desvinculados da história regional que privilegia a memória de grupos étnicos imigrantes.

No século XIX o Estado e as companhias colonizadoras passaram a intermediar a vinda de imigrantes a fim de construir uma nacionalidade ideal. As pessoas que atravessaram o Atlântico buscavam solução para crises demográficas, perseguições religiosas e políticas, fuga de desemprego e pobreza em sua grande maioria, e almejavam com esta oportunidade uma mudança de vida. Na segunda metade do século XIX, os imigrantes europeus se estabelecem na região de Blumenau explorando lotes por meio de atividades rurais (cultivo e criação de animais) ignorando as pessoas que habitavam a região anteriormente. Há registros de pelo menos 700 pessoas vivendo na região antes da ocupação particular de Dr. Blumenau. Essa estatística desconsidera o povo indígena habitante destas terras. Para os povos originários a denominação empregada aos europeus chegados no Brasil desde 1500 é o de invasor. Portanto os invasores recém chegados protagonizam duros enfrentamentos na disputa pelas terras que indígenas do povo Laklãnõ Xokleng utilizavam para incursões de caça e coleta. Porém, no Vale do Itajaí vendido turisticamente como Vale do Europeu, a história tem sido contada a partir do olhar do colonizador.

É comum ouvirmos de estudantes de Ensino Básico quando questionados a respeito do que conhecem sobre os indígenas, de que “índio de verdade vive na floresta”, receosos arriscam dizer que são como nós, mas tem dúvidas se na cidade o índio deixa de ser quem sempre foi. Estas transformações na cultura indígena precisam ser encaradas como resultado de um processo imposto pelo colonialismo europeu, em muitos casos de maneira violenta, através da ação missionária, da escravidão forçada, e da colonização europeia. Enquanto professora de história da referida escola e discente do Mestrado Profissional em Ensino de História da UDESC, a inquietação do contexto que foi descortinado na prática docente, acabou motivando um projeto de pesquisa.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Quais informações os alunos e alunas tem sobre a construção da história do local onde vivem? Como o ensino de história pode questionar as generalizações e promover a alteridade? Que “índio” povoa sua cabeça? Como e onde vivem estes indígenas? De que maneira fazem parte da história regional? Quem conta essa história?

A promoção de uma educação que enfrente o preconceito, o racismo e a intolerância deve estar pautada no reconhecimento e na valorização de culturas diversas que constituem a sociedade, sobretudo daquela em que vivem os/as estudantes. Traçar uma abordagem de ensino que contribua com a implementação da lei 11.645/2008 partindo do que os discentes conhecem para ampliar seus conceitos.

Os processos que levam os Laklãnõ Xokleng a se constituírem enquanto povo fazem parte de uma trajetória histórica de enfrentamentos, resistência e constituição de saberes. Pensar uma abordagem de ensino de história regional que seja plural requer conhecer a versão Laklãnõ Xokleng silenciada por muito tempo. Estas experiências estão sendo ressignificadas e registradas por meio de pesquisadores da comunidade Laklãnõ Xokleng integrantes do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foram selecionados trinta trabalhos de conclusão de curso dos alunos e alunas Laklãnõ Xokleng das turmas formadas nos anos de 2015 e 2020, como material de referência para elaboração desta pesquisa. Os trabalhos apontaram narrativas outras se comparadas ao que é comumente disseminado sobre fatos da história regional. A história oficial chama o aldeamento dos Laklãnõ de Pacificação. Fato ocorrido em 1914 e heroicamente atribuído ao funcionário do SPI Eduardo Hoerhann. Para Copacãm Tschucambang (2020, p. 12), que realizou uma extensa pesquisa sobre os “Artefatos Arqueológicos no Território Laklãnõ/Xokleng – SC”, as narrativas sobre a pacificação dos Xokleng destoam dos pesquisadores não indígenas que se debruçaram sobre o tema. Aponta que problemas na interpretação das entrevistas com pessoas que falavam apenas a língua Laklãnõ, podem ter ocorrido pois transcritas de maneira equivocadas. Osiel Kuita Priprá, pesquisador da interação entre os Laklãnõ Xokleng e o povo Kaingang, nesta TI, contesta o termo pacificação e afirma que seu povo prefere chamar o evento de contato. Concorda com Tschucambang no que se refere a trabalhos antropológicos e pesquisas de história que não levam em conta a história contada pelos Xokleng. Na memória Laklãnõ Xokleng, foram eles que ditaram as regras de aproximação (WITTMANN, 2007, p. 162).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Os Trabalhos de Conclusão de Curso, escrito pelos Laklãnõ Xokleng forneceram material importante para o conhecimento da história regional pela percepção indígena. No entanto era necessário lapidar estas informações de maneira que pudessem atingir de maneira significativa os discentes do ensino fundamental. Com o advento da pandemia de covid-19, o projeto que previa entrevistas precisou de reformulação. Sem contato, sem visitas e sem entrevistas para a segurança de todos os envolvidos na pesquisa.

Assim, redefinimos o escopo do projeto para proposição de material didático dinâmico, visando a construção do conhecimento histórico por meio da agência dos alunos e alunas do ensino fundamental ao analisar fontes, e agência dos indígenas ao fornecer as fontes narrando sua história. A necessidade em trabalhar o ensino de história indígena de maneira mais efetiva e significativa, pautou o trabalho de pesquisa em demandas do povo indígena do Vale do Itajaí no tempo presente através sobretudo de narrativas das mulheres Laklãnõ Xokleng em contexto urbano, e a partir desse olhar relacionar a história regional na elaboração de um site educativo.

Somaram-se as produções acadêmicas, postagens de redes sociais, lives e publicações em periódicos que forneceram informações sobre a atuação e trajetória de vida das mulheres indígenas Laklãnõ Xokleng que emprestam suas narrativas para elaboração de uma proposta didática na promoção do diálogo com saberes outros, para além do reconhecimento da diversidade cultural, que faz parte do caminho, mas que resulte em um aprendizado que privilegie a relação intercultural.

PROTAGONISMO: NARRATIVAS DE MULHERES INDÍGENAS

O recorte temático e cronológico que a narrativa de um sujeito comum oferece em sua trajetória de vida pode despertar curiosidade, admiração ou mesmo uma aproximação na relação de aprendizagem. Construir narrativas históricas a partir de trajetórias de sujeitos africanos que viveram em Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis) no século XIX, foi a proposta de Caroline Corbellini Rovaris na elaboração de um site educativo. O trabalho “Narrativas sobre a diáspora Africana no Ensino de História: trajetórias de africanos em Desterro/SC no século XIX”, defendido em 2018 no programa do Profhistória da UDESC, entende a narrativa na perspectiva de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), primeiro



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



como uma seleção de vestígios deixadas pelas gerações passadas, no exercício de interpretação e reelaborações de uma trama tecida pelo historiador a partir das indagações do presente para as fontes, resultando novos pressupostos.

Para Rovaris, “o sujeito narrador torna o mundo compreensível” (2018, p.43). As narrativas indígenas das sujeitas desta pesquisa descortinam uma história dos Laklãnõ Xokleng partindo de suas perspectivas e do que querem contar sobre seu povo.

Mapear a agência destas pessoas na História e evidenciá-las em sala de aula, portanto, é fundamental para um ensino mais sensível às experiências dos sujeitos. Aliás, abre espaço para que o aluno pense sobre si mesmo e qual é o seu lugar na História, isto é, desenvolva a consciência de ser agente histórico. (ROVARIS, 2018. p. 16)

Inserir rostos e sujeitos nos processos históricos personaliza a história (MOREIRA, 2018. p. 67). O objetivo de realizar uma proposta didática visando o Ensino de história indígena inserido no contexto regional da minha atuação, buscou contemplar esse viés narrativo, ao privilegiar a pesquisa sobre as trajetórias das indígenas do povo Laklãnõ Xokleng, Maria Elis Nunc-Foônro e Ana Roberta Uglô Patté. Suas histórias de vida auxiliam na elaboração de dois casos de investigação, onde são lançados questionamentos sobre os indígenas e suas demandas, buscando correlacionar o tempo presente e passado e a partir de suas narrativas, suscitar o debate de temas que atravessam suas experiências com educação, identidade, racismo, representação, história regional, entre outros que forem pertinentes.

Maria Elis Nunc-Nfônro nasceu em Blumenau em 22 de novembro de 1983. É neta do primeiro professor indígena que atuou na TI Ibirama Laklãnõ, Lino Nunc-Nfônro. Lembrado com muito carinho pelo esforço em ensinar as crianças com recursos próprios, e enfrentar períodos difíceis como da nacionalização e da Barragem, lecionou entre 1955 e 1977. É filha de Maria Nunc-Nfônro que saiu da Aldeia Toldo com 16 anos e foi trabalhar na cidade de Ibirama/SC, aos 20 chegou em Blumenau. Maria Elis e sua irmã, Gabriela nasceram em Blumenau, aqui sua mãe fez concurso e trabalhou com serviços gerais em escolas da rede municipal. Construíram a casa da família no bairro Itoupavazinha. Em 1999, a mãe de Maria Elis fez uma tentativa de retorno a TI, que se efetivou anos mais tarde.

Maria Elis vive na cidade, tem um filho de 15 anos, Joabe, mora em apartamento no bairro Testo Salto, próximo da Escola de Ensino Básico Quintino Bocaiúva da rede pública



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



municipal onde se efetivou professora de língua portuguesa, atuando no projeto de Literatura na Biblioteca. É contadora de histórias, envolvidas com grupos de leitura, membro da ABRAMA, Associação O Brasil é minha Aldeia, que tem por objetivo garantir e defender os direitos dos povos indígenas em contexto urbano e/ou trânsito. É também idealizadora junto com a sua mãe do Projeto “Acolhida na Aldeia”, por meio da qual organizam visitas guiadas a TI Laklãnõ-Xokleng. Promove junto a Secretaria de Educação de Blumenau (SEMED) formação de professores e professoras em História e Cultura Indígena, bem como participa voluntariamente em palestras e debates no mesmo viés, ocupando os espaços de fala, mostrando a presença indígena na cidade.

Ana Roberta Uglõ Patté nasceu em 1992, na cidade de Ibirama/SC, há 40 km da TI Laklãnõ por ser o local mais próximo com hospital. Nas palavras dela é “filha de mãe solteira”, apesar da curiosidade “nunca soube o porquê de não conhecer meu pai.” (PATTÉ, A.R.U. 2015. p. 9)² Foi criada na Aldeia Palmeira, pertencente ao município de José Boiteux/SC, pelos avós maternos Francisco Kaudag Patté e Candida Patté, parteira respeitada entre os Laklãnõ Xokleng e conhecedora da medicina natural. Uglõ foi nomeada pela mãe, Maria Kulá Patté Crendo, com o nome da bisavó. O nome de uma criança Laklãnõ Xokleng pode repetir o nome de um parente ancestral, avô, avó, tios que são homenageados quando a nova criança nascida no seio daquela família o recebe. Como se aquela pessoa pudesse novamente estar entre os seus. (CUZIGNI, 2020, p. 24) Assim, Uglõ homenageada revive em Ana Roberta: “acredito que parte da minha bisavó está em mim.” (PATTÉ, A.R.U., 2015. p. 9) De uma família com mais três irmãos, Elaine Camlem, Vougcé Camlem e Atila Mokling Patté, Uglõ descobriu na escola não indígena, onde chegou com 6 anos falando exclusivamente a língua Xokleng, que era Ana Roberta. Enfrentou as dificuldades de uma gestação de risco aos 14 anos, quando as gêmeas nasceram em um parto prematuro, porém, não resistiram. Dois anos depois nascia a Ajú Gabriela Patté Ndili, que alegrou a família e recebeu o nome da tataravó, conforme a tradição, significado forte por ter sido testemunha do contato e vivido mais de 100 anos neste mundo. Apesar dos desafios Ana não deixou de estudar. Concluiu o ensino médio, mas desistiu de frequentar o curso de superior em Artes

² Ao referenciar o trabalho de TCC de Ana Roberta Uglõ Patté, foi necessário indicar todas as iniciais do nome, para que não fosse confundido com outro trabalho de um parente com mesmo sobrenome e que frequentou o curso no mesmo ano.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



visuais em uma universidade particular por falta de recursos. O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena dos Povos do Sul da Mata Atlântica, iniciado em 2011 em Florianópolis/ SC, apresentou os movimentos indígenas a Ana: “Através da Licenciatura pude conhecer novos mundos novas lutas de outros povos, foi então que comecei a fazer parte do movimento indígena [...]. (PATTÉ, A.R.U. 2015, p. 10). Participou de encontros nacionais de estudantes indígenas, e “[...] foi quando coloquei um objetivo em minha vida que lutaria não só pela causa do meu povo mas sim lutaria pela causa indígena em geral [...]” (PATTÉ, A.R.U. 2015, p. 10). Hoje vive em São Paulo/SP, onde é assessora parlamentar para assuntos exclusivamente indígenas na Mandata coletiva da deputada Isa Penna (PSOL) desde 2019. Membro da APIB, militante feminista, filiada ao Partido Socialismo e Liberdade, viaja por todo território nacional participando de acampamentos, marchas e protestos que marcam a principal pauta dos povos originários, o direito a terra e o respeito.

Estas mulheres Laklãnõ Xokleng percorreram caminhos particulares que as trouxeram as cidades. Ana nasceu e viveu na Aldeia, estudou em Florianópolis, mora em São Paulo e constantemente volta para sua família na TI Ibirama Laklãnõ. É uma indígena em contexto urbano. Maria Elis nasceu na cidade, vive na cidade, e seu porto seguro é a TI Ibirama Laklãnõ, lá vive sua mãe e irmã, é para onde volta a cada final de semana, onde gostaria de morar, onde se sente em casa. Maria Elis é uma indígena urbana Como é ser indígena, neste mundo que vivemos?

Os deslocamentos de outrora continuam comuns ao povo Laklãnõ Xokleng. A circulação na região do Vale do Itajaí continua configurando sobrevivência, ao buscar seus postos de trabalho, locais de aperfeiçoamento, assistência médica. Eles continuam em seu território, as cidades reconfiguraram este espaço. Maria Elis Nunc-Nfônro, traduz seu posicionamento enquanto indígena na cidade através da escrita. Além de textos de opinião problematizando a questão indígena na área urbana no Jornal de Santa Catarina nos anos em que o periódico tinha circulação diária, manifestou-se sobre estereótipos publicando “O índio que mora na nossa cabeça”, na Revista Expressão Universitária³, em junho de 2018 da FURB. Recentemente seu poema “Brasil é minha Aldeia” foi selecionado para compor o “Dossiê 1 - Poesia Indígena Hoje”, do projeto p-o-e-s-i-a.org, dirigido por Beatriz Azevedo e que conta

³ A Revista Expressão Universitária, é organizado pelo sindicato de servidores públicos do Ensino Superior de Blumenau.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



com escritores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Eliane Potiguar entre outros. Reproduzido parcialmente abaixo,

Aqui ou lá eu sou indígena. E a forma como vivo hoje não é uma opção foi uma escolha minha, mas foi uma imposição aos meus, que aqui estiveram antes de mim. Quando me refiro “aqui” falo de Blumenau, que foi sim terra dos indígenas Xoklengs. Terra que de nós foi tomada, usurpada com sangue de índio nas mãos. Meus antepassados concordaram em ficar em uma terra com limites. Eu não. Quero e vou continuar sendo índia aqui, lá ou acolá. Minha bisavó era indígena, meu avô era indígena, minha mãe é indígena, eu sou indígena, meu filho é indígena, meus netos e bisnetos serão indígenas; e os netos dos meus netos também serão indígenas. Ser indígena independe da cor, naturalidade, língua ou lugar onde mora. Ser indígena é defender a cultura do “índio”. Ser indígena é defender a cultura do “índio”. Ser indígena é ser e querer ser indígena, ter pertencimento, ancestralidade, na Aldeia ou na cidade. O Brasil é minha Aldeia.
(NUNC-NFÔNRO, Maria Elis. Brasil é minha Aldeia. Poesia Indígena Hoje. N.1, Agosto/2020. p. 65)

Assim como Ana Patté coloca que a cidade chegou na Aldeia, Maria Elis defende que a cidade que habita na atualidade era território tradicional de seu povo. Viver na cidade foi uma imposição dos limites impostos ao seu povo em vários momentos da história. Reforça que Blumenau é terra de indígenas Xokleng, embora exista um discurso hegemônico de colonização europeia que omite essa permanência, enfatiza a terra “usurpada com sangue de “índio” nas mãos”, pois o processo de colonização no Vale do Itajaí foi cruel e precisa ser denunciado dando legitimidade a presença do povo Laklãnõ Xokleng. O mesmo ponto de vista é defendido por Ana que encara a territorialidade indígena como questão de retomada. “Hoje é chamado de Florianópolis, mas era território indígena, estamos retomando nosso território. Esse é nosso espaço”⁴. As cidades que fazem parte do trânsito das sujeitas desta pesquisa, tais como Blumenau, Florianópolis e São Paulo foram ocupadas historicamente por povos originários. Negar a presença de Laklãnõs, Guaranis, Tupiniquins, Tupinambás e Carijós nestes locais, é o mesmo que questionar sua existência. Este silenciamento faz parte de um projeto colonial de elites, consistindo na apropriação territorial e subserviência da população local. Os efeitos desta ação estão refletidos na atualidade.

⁴ Conversa sobre territorialidade no 1º Encontro Pós-colonial e Decolonial (UDESC), realizado em 23.10.2019.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Cabe discutir a situação dos indígenas nas cidades, dentro do que é chamado por Boaventura de Souza Santos, de pensamento abissal. O intelectual, defende que a epistemologia ocidental dominante dividiu o mundo em um pensamento abissal. Por meio da qual as experiências, “saberes e pessoas são separadas entre as que merecem visibilidade por serem úteis e inteligíveis e as que são perigosas, portanto devem ser esquecidas”. (SANTOS, 2009, p. 13)

Em sua obra *Epistemologias do Sul* explica que o projeto colonizador dividiu o mundo nestas linhas: o Sul que vai além de um campo geográfico de regiões e países submetidos ao colonialismo europeu, mas também grupos de pessoas que foram oprimidas e subalternizadas e tiveram suas práticas sociais e saberes suprimidos. E o Norte Global, caracterizado geograficamente pela Europa e norte da América impondo por meio de suas relações capitalistas uma epistemologia ocidental de vida. Santos afirma que o sistema mundo continua reproduzindo a linha do pensamento abissal, caracterizada principalmente pela impossibilidade da coexistência dos dois lados da linha. Isso explica as várias tentativas de apropriação e violência contra os povos indígenas na “proibição do uso da língua, adoção forçada de nomes cristãos, apropriação de saberes, destruição de locais de cultos, perpetuação do racismo e genocídios”. (SANTOS, 2009, p. 30)

A sobreposição não é total pois no interior do norte geográfico um grupo vasto de mulheres, indígenas, trabalhadores e afrodescendentes foram sujeitos a dominação capitalista e colonial, e por outro lado no Sul geográfico sempre existiram as “pequenas europas” pequenas elites locais que se beneficiaram da dominação capitalista e colonial, e que depois da independência continuaram exercendo essa dominação contra classes e grupos subordinados. (SANTOS, 2009, p. 13)

Os indígenas viveram e vivem o lado da linha que é entendido como ameaça e precisa ser dominada e silenciada, portanto os anos de negação mencionados por Maria Elis são a realidade nos desafios de cada dia na vida de muitas pessoas declaradas indígenas no Brasil. A pequena Europa que Santos menciona é o Vale do Itajaí em analogia ao recorte geográfico deste estudo, a dominação dos grupos subalternizados no passado, como os Laklãnõ Xokleng, estigmatizados por décadas pelos meios de comunicação com o uso do termo bugre “no sentido de qualificá-los como selvagens, incivilizados entre outras adjetivações.” (ALVES, p. 35 IN FERREIRA, 2000) O lado da linha abissal que ameaça a hegemonia ocidental de ver e



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



sentir o mundo foi controlada no processo violento de aldeamento. Insistir em não enxergar o indígena na cidade, negar sua presença é de certa forma uma manutenção da subalternidade destas pessoas. Essa invisibilidade reproduz a linha abissal. No entanto, há o contraponto a essa violência que é justamente a presença. Construir suas trajetórias nas cidades adaptando suas práticas é existir. E se existem no espaço que os silencia, que não os quer ver, resistem

O protagonismo destas duas mulheres, Maria Elis e Ana Patté, indígenas Laklãnõ Xokleng do Vale do Itajaí fornece por meio de suas experiências de vida aportes documentais na elaboração de aulas oficinas (BARCA, 2004, p. 131). Esta proposta de ensino consiste em instrumentalizar os alunos e alunas para uma aprendizagem significativa e que promova uma progressão no domínio da cognição histórica. (CAIMI, 2019, p. 210) Isso sugere o desenvolvimento de conceitos já conhecidos pelos discentes por meio da resolução de questões problematizadoras ancoradas na interpretação de fontes documentais. Ou seja, partimos do conhecimento prévio dos alunos e alunas sobre a questão indígena, e por meio de leituras, reflexões, vídeos são oferecidos subsídios para que ampliem seus conceitos.

A Base Nacional de Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 e implementada a partir de 2020, defende que o “documento para o historiador é o campo da produção do conhecimento histórico; portanto, é esta a atividade mais importante a ser desenvolvida com os alunos”. (BRASIL, 2017, p. 418). O objetivo é que os alunos e alunas compreendam que o conhecimento histórico é fruto de uma investigação e vários resultados podem surgir de um mesmo tema. Um conjunto de documentos com problemáticas que envolvam as trajetórias das nossas protagonistas como fontes para investigação da história do povo Laklãnõ Xokleng serão organizados em um site educativo de navegação intuitiva que conta com a mediação de professores e professoras. A adoção desta metodologia auxilia as alunas e alunos a pensarem historicamente por meio de elaboração de hipóteses, argumentações e questionamentos, de acordo com a terceira competência específica de história para ensino fundamental da BNCC. (BRASIL, 2017). As narrativas colaboram por meio de um material didático para o ensino de história e ensino de história indígena. Além de possibilitar conhecer a história do povo Laklãnõ Xokleng, ajuda a refletir sobre o indígena hoje e suas demandas, contribuindo com a implementação da lei 11.645/2008.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



REFERÊNCIAS

ADICHIEI, Chimamanda NGOZI. **O perigo da história única**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>, acesso em 22 jul. 2019.

ALVES, Rosilene. Bugres: As Notícias correm!. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau: Nova letra, 2000, II. p 33-40.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do projeto a avaliação. In: _____. (Org.). **Para uma educação histórica com qualidade: Atas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Braga: Centro de Estudos e, Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de nove de janeiro de 2003, que Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível online em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm (Acesso em: 29 ago.2015)

CAIMI, Flávia Eloisa. Progressão do conhecimento histórico. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p.209-213.

CUZUGNI, Vilma Patté. **Dança das Árvores e a Dança da Voz: Jeito de dar nome as crianças no povo Xokleng/Laklãnõ**. UFSC: Florianópolis, 2020. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) . Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina.

MONTEIRO, John M. Armas e armadilhas: história e resistência dos índios. In: NOVAES, Adauto. (org.) **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: FUNARTE/Companhia das Letras, 1999, p. 237-256.

MOREIRA, Viviane da Silva. **Ensinar mulheres na história: abordagens biográficas**. 2018. 133 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2018.

MORTARI, C.; GABILAN, K.. **A literatura de Chinua Achebe como ferramenta para a compreensão o processo colonial na Nigéria (África ocidental, séculos XIX e XX)**. 2017. (Apresentação de Trabalho/Comunicação)



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



MUNDUKURU, Daniel. **O ato indígena de educar(se):** uma conversa com Daniel Mundukuru. Disponível em: <http://www.bienal.org.br/post/3364>, acesso em 16/04/2019.

NUNC-NFÔONRO, Maria Elis. **Brasil é minha Aldeia.** Poesia Indígena Hoje. N.1, Agosto/2020. p. 65. Disponível em: <http://www.p-o-e-s-i-a.org/dossie1/>, acesso em 10/08/2020.

NUNC-NFÔONRO, Maria Elis. **“O Índio que mora na nossa cabeça”.**Revista **Expressão Universitária.** Ano 8, número 95 - junho de 2018. Disponível em: <<http://sinsepes.org.br/blog/detalhe/expressao-universitaria---junho-2018>>, acesso em 20/05/2020

PATE, Osiel Kuita. **O contato descrito pelos Laklãõ mXokleng, os descendentes de Kaingang e as trocas de costumes e saberes.** UFSC: Florianópolis, 2020. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC

PATTÉ, Ana Roberta Uglô. **Barragem norte na Terra Indígena Laklãõ.** UFSC: Florianópolis: 2015. 34 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Florianópolis: UFSC

ROVARIS, Carolina Corbellini. **Narrativas sobre diáspora africana no ensino de história:** trajetórias de africanos em Desterro/SC no século XIX. 2018. 136 f. (dissertação) Mestrado Profissional em Ensino de História, UDESC, Florianópolis, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina/CES, 2009.

TSCHUCAMBANG, C. **Artefatos arqueológicos no território Laklãõ /Xokleng-SC.** UFSC: Florianópolis, 2015. 55 p. c

WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque:** imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí (1850 – 1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.